

CLÓVIS, O COXO

Dullio Gomes

Aos dezoito anos Clóvis teve a primeira e mais completa consciência da sua situação de aleijado. Ele não era um aleijado comum, e sabia disso, mas aquela mulher o havia feito perceber a diferença que existe entre as pessoas fisicamente perfeitas e as que não o são.

Era a primeira vez que ele tinha ido com uma mulher para a cama e o que acontecera entre eles poderia ser classificado de catastrófico. Primeiro, ao retirar as calças, ele tropeçara nelas e a mulher dera uma gargalhada. Isso o enraiveceu. Quando estava sobre ela, não conseguia se movimentar com liberdade e a exata lascívia que a situação pedia. A mulher reclamara e por fim pôs-se a zombar de sua perna dura. Ele a esbofeteou. Depois, tomando café na cozinha de sua casa, meditou sobre o acontecido e chegou à conclusão que a sua vida, pelo menos a sexual, seria um inferno dali por diante.

Seu rosto não era dos mais feios; suas primas já haviam falado a esse respeito com ele. Tinha olhos verdes e finos cabelos avermelhados, uma cor entre o louro e o vermelho; seu nariz era bem feito e os seus dentes, absolutamente alvos e cada um no seu lugar. Quando Clóvis se olhava no espelho, sentia um certo orgulho de si mesmo. A natureza, de certa forma, o compensara. Ao imaginar, no entanto, suas futuras conquistas, sentia um estremecimento interior. Nenhuma mulher do mundo faria amor com ele sem pelo menos arriscar uma observação a respeito da sua perna e da sua maneira mecânica de amar. Por mais educada que ela fosse, haveria de dizer alguma coisa. Isso fez

nascer nele a convicção de que o melhor para si mesmo talvez fosse a reclusão. Poderia ser um monge e a sua abstinência sexual teria um sentido. Mas essa idéia não o seduzia muito. Talvez cometesse um sacrilégio, vestindo o hábito apenas para fugir a um ridículo amoroso. Se tenho de me penitenciar, pensou, que seja no mundo, claudicando na rua, no ônibus, arrastando a minha perna no verão ou puxando-a para dentro do elevador. Uma fina revolta brotou dentro dele, como uma flor escura. E a revolta, que era também compaixão por si mesmo, o fez solitário e amargo. Um amigo lhe emprestara «Erotisk Tvang», «Pleasure», «Cunts», «Sexy Girls» e «Private» para que ele se consolasse mas a náusea era maior que o amor solitário e ele andava nas ruas, agora, olhando as mulheres com um olhar de gato esquivo. Aos aleijados, dava esmolas cada vez maiores.

A caridade, que antes se prendia apenas aos aleijados, passou, com o tempo, a se estender a todos os tipos de mendigos e vagabundos. Clóvis sabia que isso não era caridade, na acepção cristã do termo, mas ódio contra o mundo e uma ligação de consciência com todos os mutilados, infelizes e desgraçados da sua cidade e, por extensão, do mundo.

Aos vinte e cinco anos, já na Universidade, Clóvis havia desenvolvido uma relação quase física entre si e toda uma colônia de mendigos e desocupados que já conheciam o toque surdo de seus passos e logo viravam os rostos iluminados para ele e, se arrastando, correndo, tropeçando em trapos, erguendo braços ávidos e murmurando Clóvis como quem pronuncia o próprio nome do Anjo Salvador, o abraçavam como um igual. Clóvis suspeitava desse amor, que conquistara com dinheiro. Mas preferia não pensar muito sobre o assunto, temendo perder também os seus únicos amigos. E, cada vez mais pródigo, na medida de suas posses, fazia o seu dinheiro circular entre os pobres.

Seu rosto, agora, era duro. Apesar do amor sem rancores que passara a fazer com as mendigas suas amigas, sob as pontes, em cada esquina escura do subúrbio, sobre os trapos daquele mundo marginal que ele acalentava como um pastor dos oprimidos. Seus colegas, na Universidade, lhe diziam que ele era o Protetor da Escória, o Rei Claudicante e sem coroa do Lixo. Ele

não se importava e continuava a andar pelas ruas, de madrugada, distribuindo dinheiro, roupa e comida entre os amigos. Algumas vezes, como um leão cansado, chegou a dormir sob as pontes, experimentando o gosto total do infortúnio e do inferno de ser só. E quem passasse por ele, de manhã, o tomaria sem nenhum esforço por um dos mendigos que, às centenas, existiam na cidade.

Clóvis, agora, morava em uma pensão. Comprara alguns livros e passara a ler entre os estudos da Universidade e as suas incursões de caridade. Convidava os seus amigos mendigos para visitá-lo e na maioria das vezes o seu quarto de pensão era pequeno para abrigá-los. Então eles se penduravam nas janelas ou se espremiavam na porta.

Emocionado, ele iniciava aquilo que vinha imaginando há algum tempo. Seria a celebração dos seus anseios. Fechado em seu quarto, apertou válvulas, ajustou pavios e diafragmas. No futuro seria a fissão do plutônio. Um líder nascia com um projétil de fabricação caseira.

Clóvis, o coxo, voou com a sua matéria explosiva naquela tarde de junho. Os mendigos não quiseram acreditar que ele os havia abandonado. E durante muito tempo comentavam, em volta de uma fogueira ou fitando o fundo de uma lata de sopa, a bondade e o amor iluminado de Clóvis, um sujeito que não era um dos seus mas que se misturara a eles, repartindo dinheiro e consolo como um mártir, um anjo, um visionário.